

Categorias da *semântica global* aplicadas à análise do *slogan* “Nossa bandeira sempre será verde e amarela”

MARCELO EDUARDO DA SILVA
marcelo.silva@ifms.edu.br

Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil (2017)
Técnico Administrativo em Educação no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4974-839X>

PALAVRAS-CHAVE:
Semântica global;
Enunciado aderente;
Polêmica;
Política;
Poder.

ARTIGO RECEBIDO A:
21/02/2025
ARTIGO APROVADO A:
15/08/2025

RESUMO: Se os efeitos de sentido (re)construídos pelo discurso se fundamentam tanto pelo contexto sócio-histórico que lhes dão razão de existência quanto pela sua manifestação material (os textos), considerar o foco das análises discursivas no conjunto enunciação-enunciado (processo-produto) é pertinente para compreender conteúdos controversos. A partir dessa afirmação, o presente trabalho apresenta uma proposta de interpretação que considera simultaneamente o funcionamento linguístico e a inscrição histórica de uma faixa com mote político/nacionalista (o *slogan* “Nossa bandeira sempre será verde e amarela”) fixada sobre o muro de uma residência em momento de eleições federais e estaduais no Brasil. Para tanto, elege-se como fundamentação teórica uma Análise do Discurso de base enunciativa, sobretudo focada na *semântica global* e no conceito de *enunciado aderente* cunhados por Dominique Maingueneau. Sendo assim, observamos o seguinte: que a referida faixa pode ser entendida como um enunciado aderente porque, ao ser ligada ao muro, vincula este espaço físico à ideia de um local de resistência (polêmica) política; que os enunciados aderentes podem ser estudados por meio das categorias analisadas por meio da *semântica global*. As análises apontam que o texto observado ecoa dizeres referentes a segmentos ditos de direita, ou mesmo de extrema-direita, e aumenta a polêmica com o grupo adversário.



Categories of global semantics applied to the analysis of the slogan “Our flag will always be green and yellow”

MARCELO EDUARDO DA SILVA
marcelo.silva@ifms.edu.br

Master in Literature, State University of Mato Grosso do Sul, Brazil (2017)
Educational Administrative Officer at the Federal Institute of Mato Grosso do Sul
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4974-839X>

KEYWORDS:

Global semantics;
Adherent statement;
Polemic;
Policy;
Power.

ARTICLE RECEIVED ON:

02/21/2025

ARTICLE ACCEPTED ON:

08/15/2025

ABSTRACT: If the effects of meaning (re)constructed through discourse are based both on the socio-historical context that justifies their existence and on their material manifestation (the texts themselves), then focusing analytical attention on the enunciation-utterance set (process-product) is pertinent for understanding controversial content. Based on this statement, this paper presents an interpretative proposal that considers both the linguistic functioning and the historical inscription of its *corpus*: a banner with a political/nationalist motto (with the *slogan* “Our flag will always be green and yellow”) displayed on the wall of a residence during Brazil’s federal and state election period. To this end, the theoretical basis chosen was an enunciative Discourse Analysis, mainly focused on *global semantics* and the concept of *adherent enunciate* created by Maingueneau. We propose that this banner becomes an adherent statement because, by being attached to the residential wall, it ties that house to the idea of a place of political resistance/polemic. The analysis reveals that the observed text echoes statements referring to so-called right-wing or even far-right groups, intensifying the controversy with the opposing political positions.



INTRODUÇÃO

1. Notemos que essa competência difere do conceito de *competência linguística* atribuído a Noam Chomsky: a habilidade de uma pessoa usar eficazmente a língua, como uma maneira de bem se comunicar em diferentes situações, por meio de um entendimento intrínseco de uma gramática gerativa.

2. A noção de *posicionamento* é a de uma *identidade enunciativa*. Nesse sentido, podemos falar, por exemplo, em posicionamento dos movimentos de esquerda e posicionamento dos movimentos de direita. Desde Maingueneau (2012), essa noção tem sido mais comumente usada em vez da de formação discursiva.

3. Usamos o prefixo “(re)” entre parênteses para indicar que é um trabalho concomitante de *construção* de uma nova enunciação e de *reconstrução* de enunciados que já foram formulados anteriormente, tendo em vista que há (como apontaremos mais adiante) uma carga histórica e socialmente imposta sobre os contextos imediatos em que os enunciados são proferidos. O mesmo raciocínio é válido para o prefixo utilizado em “(re)afirmados”.

Analisar textos por meio da Análise do Discurso (doravante AD) pressupõe o entendimento de que a linguagem não é neutra: há um enunciador que visa ao convencimento do enunciatário; existe uma carga argumentativa em cada modo de dizer alicerçada por um viés, que, por sua vez, se apoia em contextos estabelecidos histórico-socialmente e (re)afirmados a cada enunciação. Por intermédio de Maingueneau (2012), entendemos essa configuração como o exercício de uma competência discursiva¹, que é a capacidade do sujeito para (re)produzir e (re)interpretar enunciados decorrentes de uma mesma formação discursiva. Seria, nas palavras do autor, um “*sistema de restrições semânticas* [...]”, um filtro que fixa os critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem do conjunto de textos possíveis como pertencendo a uma formação discursiva determinada” (Maingueneau, 2012, p. 48, grifos do autor). Portanto, a competência discursiva tem a ver com um *modo de dizer*, com parâmetros languageiros que tornam o enunciado adequado ao posicionamento² de cada sujeito no instante em que este enuncia. Por isso, possui um sentido orientado pelo contexto imediato da situação de comunicação e, simultaneamente, do contexto amplo (sócio-histórico) que envolve os sujeitos enunciadoreis.

Sendo assim, uma proposta de estudo sobre os efeitos de sentido – de verdade, de realidade, de subjetividade, de objetividade etc. – (re)construídos³ na sociedade deve levar em consideração o que se convencionou chamar de superficialidade e de profundidade do texto (materialização dos discursos). A primeira se concretiza, por exemplo, na sequencialidade das palavras (escritas ou faladas), nas imagens de uma fotografia, nas pinceladas de um quadro – o que poderia ser o foco de uma análise que abordasse somente a coesão textual, por exemplo. A segunda, pelas memórias de manifestações correlatas que vêm à tona a partir do contato com essas palavras, imagens ou pinceladas, por exemplo – que poderia ter como foco uma aborda-

gem de estudo vinculada à formação ideológica⁴. Defendemos que não há como compreender o discurso sem levar em consideração esses dois planos. Dessa maneira, nos aproximamos de uma AD de base enunciativa:

Estamos, assim, diante de objetos que aparecem ao mesmo tempo como integralmente linguísticos e integralmente históricos. As unidades do discurso constituem, com efeito, sistemas, sistemas significantes, enunciados, e, nesse sentido, têm a ver com uma semiótica textual; mas eles também têm a ver com a história que fornece a razão para as estruturas de sentido que elas manifestam. Gostaríamos mesmo era de não sacrificar nenhum desses aspectos, seguir um caminho diferente do caminho daqueles que, guiados por um “interesse” diferente, voltam-se de maneira privilegiada para um ou outro desses aspectos (Maingueneau, 2012, p. 16).

Atribui-se os estudos de enunciação na linguística a Benveniste, para quem esta “supõe a conversão individual da língua em discurso” (Benveniste, 2023, p. 83), por meio de uma manobra do enunciador (o falante, escrevente, fotógrafo, pintor etc.) pronunciando-se como um *eu* perante um *tu* conversando sobre um ele (um outro “alguém”, uma outra “coisa”), instaurando, automaticamente, um momento e um local coincidentes com o momento e o local da enunciação (da fala, da escrita, da fotografia, da pintura etc.). Um *eu* enuncia marcando um *aqui* e um *agora*. E o enunciado é o construto desse processo, realizado seja em versão verbal, não verbal, pictórica, sincrética.

Todavia, Maingueneau (2012, p. 19) suplanta a noção para uma “enunciabilidade”. Se os efeitos de sentido (re)construídos pelo discurso são marcados histórica e socialmente e precisam necessariamente de uma manifestação material (apresentar-se como um texto diante do

4. Como nos estudos de Pêcheux (2008), por exemplo. Porém, Maingueneau (2012) defende uma postura voltada tanto ao sócio-histórico quanto ao contexto imediato.

5. O termo polêmico será utilizado como um enunciado com intencionalidade de refutar um discurso alheio, conforme explicado por Maingueneau (2021, p. 380).

6. As eleições no Brasil são realizadas em anos pares, de forma alternada: eleições gerais (presidente, governadores dos 26 estados e 1 distrito federal, deputados federais, deputados estaduais e senadores) e eleições municipais (prefeitos e vereadores). O contexto do presente artigo é 2022, ano em que as eleições eram gerais e aproximadamente 156 milhões de brasileiros estavam aptos a votar. Havia um embate ferrenho travado entre os partidários da direita (que tentavam a reeleição do então presidente Jair Bolsonaro) e a esquerda (cujo principal expoente nas pesquisas era Luiz Inácio Lula da Silva, que foi eleito). A direita falava em supostas falhas (jamais comprovadas mesmo depois de periódicas inspeções acompanhadas por entidades governamentais, da sociedade civil organizada e até mesmo do Exército) no sistema de votação por urnas eletrônicas que seriam usadas para validar votos inexistentes à esquerda.

enunciador), atentar-se para o conjunto enunciação-enunciado é essencial para estudos dos textos e do discurso. Os conceitos de *semântica global* e de *enunciado aderente*, cunhados por Dominique Maingueneau (2012; 2022), levam em consideração superfície e profundidade textuais: “É preciso pensar ao mesmo tempo a discursividade como dito e como dizer, enunciado e enunciação” (Maingueneau, 2012, p. 19). É esse o ferramental teórico empregado no presente artigo, com o objetivo de apresentar uma proposta de interpretação sobre *corpus* polêmico⁵ unindo simultaneamente observações a respeito do funcionamento linguístico e da inscrição histórica que atuam sobre o texto estudado: uma faixa com mote político/nacionalista (“Nossa bandeira sempre será verde e amarela”) afixada no muro de uma residência em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, quando das eleições federais e estaduais no Brasil em 2022⁶. Metodologicamente, apontam-se na referida faixa elementos intertextuais e temáticos que remetem a dizeres de outros enunciadores, por meio do cotejo de cartazes e *banners* que ecoam vozes defensoras de um mesmo posicionamento.

As análises apontam que o enunciador tenta impor seu posicionamento ideológico visando a demarcar uma posição política (entendida como de extrema direita) e de manutenção de poder perante aqueles que queriam modificar seu *status* de membro da camada até então partidariamente dominante, tendo em vista que seus dizeres – como nossas observações propõem – coadunam com os do então segmento político-partidário que ocupava o cargo de presidente da República, com Jair Messias Bolsonaro, e grande parte do Congresso Nacional⁷.

Na próxima seção, é explicada a teoria norteadora das análises. Em seguida, apresenta-se o *corpus* e as propostas de interpretações.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. SOBRE A SEMÂNTICA GLOBAL

Como o discurso é “um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação” (Maingueneau, 2012, p. 19), por meio de indicações na superfície textual somos capazes de analisar um grupamento de normas linguístico-discursivas que assinalam possibilidades de dizer (porque, ao selecionar suas palavras, o enunciador “escolhe”⁸ dizer de um modo e não de outro). Assim, é necessária uma análise que dê conta de compreender a superfície e a profundidade textuais: “Um procedimento que se funda sobre uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus ‘planos’, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (Maingueneau, 2012, p. 75).

São sete as categorias de análise abordadas por Maingueneau (2012) utilizando o conceito – e, ao mesmo tempo, um mecanismo interpretativo – por ele denominado de *semântica global*: intertextualidade; vocabulário; temas; estatuto do enunciador e do destinatário; dêixis enunciativa; modo de enunciação; e modo de coesão.

A *intertextualidade* diz respeito às relações entre os diversos textos repercutidos na sociedade, sendo que todo campo discursivo define os modos de citar discursos anteriores do mesmo campo⁹ e de outros. Nesse caso, aponta o autor, deve-se levar em conta que tanto um texto é posto em relação a outros como é parte integrante desses outros textos – pois, até mesmo para rechaçar uma opinião, é preciso haver uma citação (ainda que camuflada). Todavia, a tentativa de se referir a um discurso alheio será falha: de acordo com Maingueneau (2012), será um simulacro. Trata-se de uma tentativa de traduzir o outro, porém imprecisa. Assim, uma relação polêmica é de incompatibilidade de entendimento entre dois discursos conflitantes.

6 (cont.). Daí, comentários depois da vitória de Lula afirmando que a eleição teria sido fraudulenta, como o mostrado em “Brazil was stolen” (“Brasil foi roubado”) contido em adesivos (parte de nossas análises). É sob essa conjuntura de embate político que está a faixa afixada que analisaremos.

7. Diferentemente da derrota na disputa pelo Poder Executivo, com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), houve superioridade da extrema direita no Parlamento depois do pleito de 2022, pois, das 513 vagas, 99 legisladores foram eleitos pelo Partido Liberal (PL) – legenda do presidencial derrotado – contra 68 petistas na Câmara dos Deputados Federais; e oito contra cinco no Senado, das 27 vagas em disputa.

8. Tomamos o cuidado de destacar “escolhe” entre aspas para salientarmos que essa escolha é um tanto submetida a formações discursivas que definem. Isto é, “ao delimitar a zona do dizível legítimo, [o sujeito] atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito. [...] sendo o [discurso] de seu Outro, daquilo que, mais que qualquer outra coisa, não pode ser dito” (Maingueneau, 2012, p. 37).

9. O *campo discursivo* é um recorte feito pelo analista do discurso a partir da noção de universo discursivo. É quando, a partir do conglomerado de discursos (um *universo discursivo*) de uma certa conjuntura, o pesquisador seleciona (de acordo com seus objetivos) determinado discurso (um *campo discursivo*) e não outros: “por exemplo, as diferentes escolas filosóficas ou as correntes políticas que se defrontam, explicitamente ou não” (Maingueneau, 2021, p. 91).

10. Um exemplo desses usos pode ser lido na reportagem *Indígenas voltam a invadir área de condomínio de luxo 2 dias após ação da PM* (Campo Grande News; Freitas, 2023, s/p). Enquanto o título mostra o verbo “invadir”, o corpo do texto mostra “a área foi ocupada na sexta-feira (7) por grupo de pelo menos 20 pessoas”. “Invadir” tem uma conotação violenta, enquanto “ocupar” tem uma conotação mais pacífica (ocupa-se local que estava vago).

Com atenção ao *vocabulário* selecionado na enunciação, o analista é capaz de compreender que uma mesma palavra pode implicar significados distintos a depender de quem enuncia, porque existem “explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos” (Maingueneau, 2021, p. 80). Então, isso não diz respeito somente ao fato de determinado discurso ter um jargão próprio (como as nomenclaturas usadas na medicina, ou nos ambientes jurídicos, por exemplo), mas também às situações: i) em que palavras que poderiam ser sinônimas quando usadas por formações ideológicas distintas demonstram distanciamento extremo de significados; ii) ou em que uma mesma palavra é selecionada para significar de forma diferente. No primeiro caso, uma observação vocabular serviria para entender, quando, por exemplo, para nomear a ação de um grupo de indígenas que entra em uma terra cuja posse é por ele reivindicada como histórica: um grupo de pessoas chama essa atitude de “invasão” e outro grupo chama de “ocupação”¹⁰. No segundo, pode-se exemplificar quando numa situação de invasão/ocupação como essa, a palavra “ordem” é usada pelo Poder Executivo – quando utiliza a força coercitiva por meio da Polícia, por exemplo – para justificar uma “contenção” dos indígenas e, ao mesmo tempo, utilizada pelos indígenas para falar sobre uma necessidade de decisão judicial sobre a situação¹¹.

11. Um exemplo desse uso pode ser lido na reportagem *Conflito indígena começou com invasão de área onde condomínio é construído, defende Riedel* (Midiamax; Clajus; Neves, 2023, s/p). Eduardo Riedel, governador de Mato Grosso do Sul, “defende” que a truculência da Polícia Militar foi em resposta à ação *desordeira* dos indígenas. Pelo ponto de vista indígena, entretanto, trazer a ordem à região seria devolver-lhes as terras originárias.

Atentando-se aos temas, o analista do discurso percebe as articulações semânticas e os sistemas de restrições discursivos que indicam o que é ou não permitido dizer por esse ou aquele membro de determinado segmento social, político, profissional etc. De acordo com Maingueneau, um texto pode conter diversos temas e o analista pode identificar qual tem predominância ou qual tem melhor serventia para sua pesquisa: “Não é nosso propósito [refletir] sobre essa noção em si mesma, e nos contentaremos com a definição mais vaga, ‘aquilo de que um discurso trata’, em qualquer nível que seja” (Maingueneau, 2012, p. 81).

O *estatuto do enunciador e do enunciatário*¹² indica uma certa posição social conferida a esses sujeitos visando à legitimação de seu dizer. O enunciador pode se dirigir a alguém que ele pensa pertencer a sua mesma colocação ou a alguém de fora dela. Por exemplo, um religioso pertencente a determinada igreja provavelmente tenderá a conversar com uma pessoa que frequenta a mesma instituição de uma forma diferente da que conversaria com alguém que prega uma visão atea.

A *dêixis enunciativa* refere-se às categorias actancial, espacial e temporal. Demarca-se uma cena (com uma pessoa, um local e uma época) em que a enunciação se concretiza. Essa cena pode ser fictícia e não coincidir com a realidade: ao ler um conto de fadas para os filhos, um pai pode dizer “estamos agora no Mundo da Fantasia, é o ano 3040”, ele se posiciona (“estamos”) efetivamente nesse “mundo”, mas seu “presente” é 3040 e não o ano do mundo físico real.

O *modo de enunciação* indica que existe “uma maneira de dizer específica” (Maingueneau, 2012, p. 90) de acordo com o posicionamento assumido pelo enunciador. É preciso atentar-se para o *gênero discursivo* e para o *tom* do enunciador. Afirma o autor:

12. O autor fala em “destinatário”, porém, até mesmo para fazer jus ao conjunto “enunciado-enunciação” defendido por ele próprio, de nossa parte preferiremos utilizar o termo “enunciatário”.

13. Conceito reformulado por Maingueneau (2012) com inspiração na *Retórica* de Aristóteles. O filósofo grego dizia existir algumas maneiras de um orador persuadir uma plateia. *Ethos* remeteria à imagem do orador (enunciador, para a AD), à sua credibilidade perante o público. Por exemplo, o orador poderia dizer à plateia que possui anos de experiência no assunto sobre o qual está tratando. *Pathos* remeteria ao lado emocional do público (do enunciatário). Por exemplo, ao comentar sobre suas experiências, o orador comenta que já esteve em situações parecidas como as passadas por alguém que está no público, isso demonstraria proximidade com a plateia. *Logos* remeteria à estruturação lógica dos argumentos apresentados pelo orador (enunciador). Por exemplo, o orador apresenta comprovações (exames, provas documentais etc.) de seus argumentos.

O discurso, por mais escrito que seja, tem uma voz própria, mesmo quando a nega. [...] O próprio “tom” se apoia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um *caráter* e a de uma *corporalidade*, estreitamente associadas. [...] Esse “caráter” é inseparável de uma “corporalidade”, isto é, de esquemas que definem uma maneira de “habitar” seu corpo de enunciador e, indiretamente, de enunciatário (Maingueneau, 2012, p. 91).

Em outro momento, o autor explica melhor os conceitos de caráter e de corporalidade. Esta é ligada a uma “compleição física e a uma forma de vestir” (Maingueneau, 2006, p. 62), aquele “corresponde a um feixe de traços psicológicos” (Maingueneau, 2006, p. 62). Portanto, esse *tom* (conjunto caráter+corporalidade) é também parte de uma imagem construída pelo enunciador diante do enunciatário no momento da enunciação. Essa imagem, chamada de *etho*¹³, é uma espécie de fiadora da mensagem que o enunciador quer transmitir. O *ethos* “[...] implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento” (Maingueneau, 2006, p. 62).

E o *modo de coesão* tem a ver com a rede de remissões internas de um discurso. “Cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro” (Maingueneau, 2012, p. 96). Em outras palavras, há uma rede de regularidades semânticas a estruturar o texto (manifestação material) que definem (coercitivamente) as maneiras de remissões internas a serem utilizadas.¹⁴

14. Um exemplo desse *modo de coesão* pode ser dado com o trecho em que Maingueneau (2012) explica parte de seus estudos a respeito de escritos formulados por duas correntes cristãs advindas do século XVII, a jansenista e a humanista devota. Os jansenistas escreviam por meio de aforismos, ou seja, quando construísem um todo formando um livro (ou uma carta), tratava-se de um apanhado de fragmentos. Portanto, as remissões internas desse todo (livro ou carta) demarcavam um texto aparentemente sem ordem e descontínuo. Contrariamente, ordem e continuidade demarcavam o modo de coesão presente nos escritos do grupo humanista devoto, cujos estudos se davam por meio de extensas obras, até mesmo com vários tomos.

1.2. SOBRE O ENUNCIADO ADERENTE

Um *enunciado aderente* é aquele que se apega a uma outra materialidade discursiva a ponto de modificar os sentidos dela. São enunciados em sua maioria verbais e pouco extensos. Servem para identificar ou categorizar, como uma etiqueta com código de barras e preço colocada numa bandeja de frutas vendida num mercado (essas frutas – maçãs, peras, morangos, etc. –, são diferentes das vendidas avulsas em uma prateleira), para prescrever ou informar (como um aviso de que fumar provoca problemas sérios de saúde indicados na embalagem do cigarro – muitas vezes, o aviso vem acompanhado de uma imagem chocante, como dedos amputados). Há uma ligação forte entre esse tipo de enunciado e seu suporte. Enunciados aderentes “podem ser sumariamente caracterizados como enunciados escritos, contíguos a um suporte não verbal, ao qual estão integrados” (Maingueneau, 2022, p. 15).

Enunciado aderente e suporte mesclam-se formulando efeitos de sentido diferentes daqueles que seriam perceptíveis se estivessem – o enunciado (aderente) e o suporte onde foi aderido – desconectados. Nesse contexto, um *enunciado aderente* recebe uma carga ideológica, pois as modificações que causa nos objetos (suportes) também possuem um viés social vinculado:

Quando se fala do “suporte” de um enunciado aderente, pensa-se espontaneamente que o enunciado aderente vem se juntar a ele. Mas um objeto não é um suporte antes de um enunciado aderente nele se inscrever e afetar sua identidade, além da modificação material que sua presença implica (Maingueneau, 2022, p. 33).

É preciso atentar-se que o enunciado que se vincula ao suporte tem não somente sua significação alterada, mas altera a significação do próprio suporte. Passa a ser um objeto novo que traz, por isso mesmo, novos efeitos de sentido:

A noção de “suporte” não deve dar a impressão de que o enunciado viria a se acrescentar a ele sem alterá-lo, ao contrário há interação entre o suporte e o EA [enunciado aderente]: eles se afetam mutuamente, produzindo uma realidade nova. O epitáfio inscrito em um túmulo acrescenta algo ao pedaço de mármore que lhe serve de suporte: faz dele um túmulo, e até mesmo o túmulo de alguém; por sua vez o pedaço de mármore acrescenta algo ao enunciado; transforma-o em uma inscrição funerária, até mesmo em uma inscrição em acepção plena, visto que se trata de uma gravação (Maingueneau, 2021, s/p).

Essa interação entre o *suporte* (o muro/a residência) e o *enunciado aderente* (o slogan/a faixa) é o que acreditamos ter ocorrido no caso que analisamos: o conjunto expressão escrita na faixa/muro passou a tornar a residência um espaço polêmico de resistência da direita que estava prestes a perder as eleições (o que acabou por ocorrer depois de apurados os votos). Além do suporte, outras noções estão atreladas ao conceito de *enunciado aderente*. Dentre elas, destaquemos as que estarão presentes nas análises apresentadas mais adiante: hiperenunciador, manifestação, *slogans* e sustentador.

O *hiperenunciador* é uma espécie de fiador ao qual o enunciador recorre para garantir validade a seu dizer. Está, geralmente, baseado em preceitos duma coletividade. Maingueneau (2005, p. 93) afirma que “aparece como uma instância que [...] garante a unidade e a validade da irredutível multiplicidade dos enunciados [e] confirma os membros da comunidade em sua identidade, pelo simples fato de eles manterem uma relação privilegiada com ele”.

Uma *manifestação* é uma “pessoa coletiva” (Maingueneau, 2022, p. 130), cujo tamanho pode ser variado (duas pessoas, dezenas, centenas etc.) exprimindo um ponto de vista comum. A comunicação desse ponto de vista, muitas vezes, se dá por meio de cartazes ou gritos entoados

por meio de *slogans*, ou seja, frases curtas que entoam certos valores, crenças, desejos, solicitações etc. De acordo com Maingueneau (2022), os *slogans* marcam definitivamente um profundo senso de engajamento dos partícipes das manifestações:

Esses *slogans* podem ser entoados e/ou escritos em cartazes ou faixas. [...] Sua enunciação deve, de fato, marcar um engajamento forte em favor de uma causa justa ameaçada por um exterior hostil ou indiferente. [...] Esse próprio ser coletivo extrai sua autoridade de um ou de vários hiperenunciadores [...] (Maingueneau, 2022, p. 130).

O embate polêmico entre os defensores de um posicionamento político-partidário tido como de esquerda (representado nas eleições majoritárias em nível federal por Luiz Inácio Lula da Silva) e outro grupo tido como de extrema-direita (representado pelo até então presidente e candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro) ultrapassou as urnas e dominou o centro de discussão nacional até mesmo depois do pleito. O grupo perdedor (direitistas), inconformado, passou a atribuir uma suposta fraude ao processo eleitoral e, a partir de então, a realizar manifestações *sui generis*, como acampando em frente aos comandos militares pedindo para que esse grupo tomasse o poder e devolve-se ao seu candidato preferido.¹⁵ Muitos desses “manifestantes” foram presos depois por ordem do Supremo Tribunal Federal. Essas pessoas agiram, conforme os estudos que nos servem de base, como sustentadores dos enunciados aderentes. Diferentemente de um suporte, que é um objeto, sustentadores são pessoas que “voluntariamente colocam EA [enunciados aderentes] sobre eles para expressar uma convicção, em um sentido muito amplo” (Maingueneau, 2021, s/p). Manifestações e *slogans* são elementos integrantes das análises apresentadas na sequência, porque demonstram que os militantes eram não só portadores de uma palavra de ordem, “mas [cada um] também um ‘sustentador’, alguém que apoia uma pessoa singular ou um coletivo: um partido, uma equipe esportiva etc.” (Maingueneau, 2021, s/p).

15. Existem muitos trabalhos que abordam as disputas políticas travadas entre a esquerda e extrema-direita. Dentre eles, citemos alguns no âmbito dos estudos sobre o discurso publicados mais recentemente (próximos àquele período em que a faixa esteve fixada). Barros, Demuru, Gomes e Mancini (2025) falam sobre a “construção da verdade” e, por meio da análise de comentários em redes sociais, buscam verificar as estratégias linguístico-discursivas capazes de fazer com que dizes com conteúdo sabidamente mentirosos se passem por verdadeiros. Souza e Orlandi (2023) observam que o comentário do então presidente Bolsonaro sobre a Covid-19 ser uma “gripesinha” é uma necropolítica. Brito e Lara (2023) apontam para elementos de um tipo de messianismo nas falas de Bolsonaro, tido como um representante da extrema-direita. Fiorin (2019) comenta sobre as operações enunciativas da extrema direita; para o autor, há uma universalização abstrata que trata de disfarçar as diferenças – sendo assim, os únicos valores que seriam válidos numa sociedade seriam aqueles ligados ao conservadorismo e seria preciso uma luta contra todo tipo de desvio.

2. UMA ANÁLISE DE SEMÂNTICA GLOBAL APLICADA SOBRE UM ENUNCIADO ADERENTE

A “Figura 1” mostra a faixa afixada no muro de uma residência localizada em rua de fluxo médio (inclusive, via de transporte público) em bairro de classe majoritariamente média de Campo Grande. A partir da visualização, as análises são apresentadas na sequência.

Figura 1 - Faixa fixada em muro de residência (aproximação)

Fonte -Fotografia de própria autoria



Embora o conceito de enunciado aderente estabeleça-se essencialmente para dizeres que estão ligados de forma intrínseca ao objeto que lhes serve de suporte (por exemplo, um rótulo de um produto no mercado), propomos que essa noção pode ser expendida para o contexto da supracitada faixa. Ela, ao ser ligada diretamente ao espaço físico da residência, vincula aquela casa à ideia de um local de resistência política. Uma resistência da direita (ou, no mínimo, de uma postura conservadora) perante a esquerda que estava às frentes na pesquisa de intenções de votos para Presidência e que venceu no segundo turno (lembrando que a faixa permaneceu por mais alguns meses depois do pleito). Entendemos que a faixa é um enunciado aderente, modificou o entendimento daquele espaço físico, a casa deixou de ser uma residência e passou

a ser um enunciado sobre um embate político; porque o muro onde foi fixada deixou de ser somente a demarcação física entre o espaço privado de um terreno de uma residência e a via pública e passou a determinar um limite ideológico no qual aqueles que pretendiam ali entrar (naquela casa/naquele mundo) deveriam compactuar com os mesmos posicionamentos de seu proprietário¹⁶. Isto é, a residência teve sua identidade afetada pela presença desse novo material (a faixa) que a ela foi aderida.

Existe uma transmutação de sentidos possível pela aderência daquele *slogan*. Sendo assim, um objeto só se torna um suporte quando um enunciado a ele é aderido. Começamos as análises desse *enunciado aderente* por meio das categorias indicadas na semântica global tratando sobre a relação entre o *estatuto do enunciador* e do *enunciatório* no *corpus* em foco. Pressupõem-se, a partir da faixa, um enunciador e dois enunciatórios. O enunciado desse sujeito pertence ao posicionamento do grupo conservador que está no poder, por exemplo, a frase por ele escolhida para *slogan* na faixa é o mesmo verificado pelo cotejo entre a referida imagem e a “Figura 2”, o *print* de *banner* divulgado na internet pelo grupamento político autodeclarado de direita “Vem Pra Rua Brasil”.

O ‘enunciatório 1’ idealizado pela faixa é aquele do mesmo grupo do enunciador (ou seja, a faixa é uma confirmação de seu pertencimento: um tipo de “estamos juntos”). O ‘enunciatório 2’ (uma espécie de antissujeito) é aquele do grupo contrário (progressista), é como se o enunciador quisesse impor distanciamento: suas cores (histórica e ideologicamente, a vermelha) são rechaçadas. Esse pertencimento do ‘enunciatório 1’ como parte do mesmo grupo pode ser verificado por meio da *intertextualidade* relacionada à “Figura 2”. E o distanciamento do ‘enunciatório 2’, pode ser verificado por meio da análise do *modo de coesão*: a faixa está coerente com as “Figuras 2” e “3” (a serem mostradas mais adiante neste artigo) percebe-se que há um “re-

16. Se as entrelinhas deixam a possibilidade para entendermos que o enunciador quer que o enunciatório “compactue com meu posicionamento”, deixemos claro que essa é apenas uma interpretação. Poderia, existirem outras, como um “vejam todos meu posicionamento”, por exemplo, em contrapartida a uma maior visibilidade que estaria sendo dada aos discursos de direita sob o ponto de vista daquele que afixou a faixa. Ela permaneceu por quase um ano fixada, do início do segundo semestre de 2022 (antes das eleições, ocorridas em outubro daquele ano) até junho de 2023.

corde discursivo” (Maingueneau, 2012, p. 94), ou seja, os gêneros discursivos são atravessados, os mesmos *temas* são tratados em uma faixa, um *banner* de *internet* e um cartaz de cartolina mostrado em uma manifestação de rua: isto é, há uma coerência enunciativa que une esses sujeitos aos posicionamentos de direita.

Demonstra-se, ainda, não somente uma intertextualidade, como também – e, sobretudo – uma *interdiscursividade*, porque há uma indicação de outro discurso: o vermelho remetendo ao comunismo e a marca de mão esquerda com quatro dedos – sem o dedo mínimo – remetendo ao então concorrente Luiz Inácio Lula da Silva, que perdera esse membro em um acidente de trabalho nos anos 1960, quando ainda era metalúrgico na região do Grande ABC Paulista.

Embora não se mostre pessoalmente, o que poderia incutir uma dissimulação no *ethos*, pois não teria uma *corporalidade*, há dois tipos de *caracteres* a serem imputados a esse enunciador (o proprietário da residência que afixou a faixa em seu muro): o de um defensor da Pátria perante o ‘enunciatório 1’ e – ao contrário – a de um agressor da Pátria perante o ‘enunciatório 2’; visto que para o primeiro, ele é um correligionário e simpatizante das mesmas causas e, para o segundo, um oponente hostil e antidemocrático, de um grupo que quer tomar para si a exclusiva propriedade da bandeira nacional. Há um *tom* de firmeza inflexível para defender aquilo que o enunciador crer ser de propriedade de seu grupo político (“*Nossa bandeira sempre será...*”). Quando ele enuncia “sempre”, deixa subentendido que, sob esse ponto de vista, os verdadeiros brasileiros (ou os verdadeiros nacionalistas, os verdadeiros defensores da Pátria) seriam o grupo conservador de direita e não aqueles da esquerda (a quem eles imputam a cor vermelha). A seguir, veremos outra imagem que visa a rechaçar a pretensa “modificação” das cores da bandeira.



Figura 2 - Banner de divulgação e pedido de colaboração financeira

Fonte -Facebook; Vem Pra Rua Brasil. 5 mar. 2022. Disponível em: facebook.com/vempraru.net/photos

A “Figura 2”¹⁷ mostra relações relevantes entre o discurso de direita (autoaclamado como nacionalista) e os que ecoaram no decorrer da campanha, delimitamos, assim, a referida figura num *campo discursivo* que traz enunciados referentes a uma mesma *formação discursiva*, por apresentarem relação direta com o objeto em análise – a faixa afixada no muro da residência.

A referida figura apresenta um interdiscurso interessante: por a menina que segura a bandeira ser negra a imagem pode ser analisada como relacionada a uma palestra em que o então presidente Bolsonaro foi acusado de racismo por ter ofendido um grupo quilombola. Na época, ele bradou:

17. A imagem foi publicada em 5 de março de 2022, como forma de discussão a respeito das eleições de outubro de 2022, defendendo o lado considerado de direita ou de extrema-direita.

18. Interdiscursividade e intertextualidade são conceitos distintos. Enquanto esta diz respeito à relação explícita entre textos (como um todo ou em partes), aquela diz respeito a um conjunto de textos (uma formação discursiva, podemos dizer) que abrange um contexto sócio-histórico mais amplo. Como em nosso exemplo, embora não haja citação direta na referida figura sobre a menina negra ser em resposta às falas do então presidente, se remetermos ao contexto histórico, ela está ancorada numa conjectura que parece tentar demonstrar que não há preconceito por parte do então candidato ou por parte de seus defensores.

“Pode ter certeza de que, se eu chegar lá [à Presidência], não vai ter dinheiro pra ONG [...]. Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola. Onde tem uma terra indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí”, afirmou. Ele também fez crítica aos quilombolas. “Eu fui num quilombo. O afro-descendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”, disse, sob risos da plateia de cerca de 300 pessoas (Veja, 2017, s/p).¹⁸

Arroba é uma unidade utilizada para medir a massa corporal de gado (equivalente a 14,7 quilos), ou seja, o então chefe do Executivo Federal comparou a população negra daquele quilombo a animais irracionais e não os considerou como seres humanos, formulando uma visão justamente igual a de muitos na vergonhosa época da escravidão. Talvez, a imagem da menina tenha sido colocada pela sua equipe de *marketing* numa tentativa de amenizar as críticas ao presidenciável porque, exatamente no período eleitoral, o candidato à reeleição voltou a usar o mesmo termo para se referir a esse grupo da população:

O presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou, nesta quinta-feira, 12, a usar uma expressão considerada racista durante conversa com simpatizantes no cercadinho do Palácio da Alvorada. Rindo, o presidente perguntou quantas “arrobas” um apoiador negro, que estava presente no momento, pesava. “Conseguiram te levantar, pô? Tu pesa o quê, mais de sete arrobas, não é?”, perguntou Bolsonaro (Guerra; Estadão, 2022, s/p).

Há, na “Figura 2”, a tentativa de apresentar um *tom* de defensor da Pátria. *Tom* que, colaborado pelo *caráter* e pela *corporalidade* da menina negra, dão ideia de um enunciador que ‘abraça não só a bandeira, mas todos os membros desse país’. Diferentemente daqueles dizeres

do então presidente contra os negros, dessa vez, uma negra está do lado dos direitistas: esse “nossa” (do “Nossa bandeira”) visa simular a inclusão desse público e, conseqüentemente, simular sua adesão ao grupo político que até aquele momento os havia rechaçado.

Na sequência, vê-se, na “Figura 3” (um cartaz exposto em manifestação nas ruas de São Paulo), que as cores da bandeira do Brasil são identificadas como elementos positivos e as cores vermelha e preta como negativos. Mais que isso, se se fizer alusão ao *modo de coesão*, identifica-se que o preto da mão é diretamente ligado à bandeira brasileira preta cujo significado atribuído pelo grupamento do enunciador é de roubo¹⁹, como exemplificado nas “Figuras 4” (um carro com o vidro traseiro adesivado) e “5” (*close* do referido adesivo). Se a imagem da bandeira preta no carro é de um veículo estacionado também numa rua de Campo Grande, a imagem do cartaz é de uma manifestação em São Paulo, enfatizando que esse posicionamento é de um grupo de grande extensão, atingindo todo o território nacional.



19. Não há clareza quanto a que “roubo” estariam citando: uma interpretação por inferência poderia ser que se referiam por indiretas a respeito de um “roubo à Pátria”, “roubo nas eleições” e outras considerações desse tipo relacionadas a eventuais irregularidades nos sistemas de urnas eletrônicas durante as votações “denunciadas” por esse grupo político e atribuídas (sem provas) aos adversários.

Figura 3 - Cartaz mostrado em manifestação de rua na cidade de São Paulo²⁰

Fonte - Telaviva. Disponível em: <https://telaviva.com.br/03/07/2020/cinebrasil-tv-lanca-o-filme-a-nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha/>. Acesso em: 12 ago.

20. Cartaz levado em diversas manifestações de rua ocorridas já em 2013 em São Paulo e que fora lembrada/reproduzida em outros momentos durante os embates desde a eleição da direita em 2018.

Figura 4 - Adesivo em carro, em Campo Grande, apontando para uma suposta fraude eleitora²¹

Fonte - Top Midia News; Wesley Ortiz. Disponível em: topmidianews.com.br/campo-grande/brazil-was-stolen-o-que-significa-a-frase-do-adesivo-visto-nas/177039/. Acesso em: 12 ago. 2023.

21. Foto capturada em 4/1/2023, momento em que os acampamentos de defensores do ex-presidente montados em novembro de 2022 na frente de quartéis de todo o Brasil pedindo intervenção militar ainda estavam levantados. A confecção e uso dos adesivos, porém, iniciaram tão logo as eleições terminaram, no fim de outubro de 2022.



Figura 5 - Adesivo colado no carro

Fonte - https://www.loja.impressoscaucaia.com.br/MLB-3104762014-10-adesivos-bandeira-brasil-preto-brazil-was-stolen-10x6cm-_JM. Acesso em: 12 ago. 2023.



Quanto à *dêixis enunciativa* e o *modo de enunciação*, o emprego na faixa (“Figuras 1” e “2”) da expressão “Nossa”, embora pudesse configurar um ego, demonstra um distanciamento, não instaurando diálogo referenciando a um *tu*. “Sempre”, além de demarcar a temporalidade, mantém a ideia de perpetuação de uma maneira de pensar. Existe, portanto, não uma enunciatividade, mas um “modo de enunciação”, uma “maneira de dizer”. Embora não trabalhada diretamente nestes termos por Maingueneau, podemos nos auxiliar nos estudos de outro estudioso do discurso, ao citarmos o que configura uma “enunciação enunciva” (Fiorin, 2016): é como se essa afirmação fosse uma doxa, onipresente (a exemplo de um “A Terra é plana”, em que não se identifica quem é o emissor original dessa afirmativa contrária à ciência).

Quanto ao *modo de coesão*, as cores contribuem para dotar de sentido os vocábulos (“verde” se escreve com verde, e “amarela”, com amarelo). Para lembrar, ainda, as demais cores do estandarte nacional, o restante da frase é escrito em azul sobre uma faixa branca. Relembrando Maingueneau (2012, p. 96): “Cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro...”

O *vocabulário* repete-se quase que complementemente. Fala-se em “salvamento”. Dessa vez, a aderência não está só em um objeto (como na “Figura 6”), mas sendo carregadas em cartazes por pessoas agindo como *sustentadoras* (como na “Figura 7”) desses posicionamentos.

Figura 6 - Acampamento montado em frente a Comando Militar em Fortaleza²²

Fonte - Fabiane de Paula/Sistema Verdes Mares. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/01/09/bolsonaristas-radicaais-desmontam-acampamento-em-fortaleza-apos-exercito-cumprir-ordem.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2023.

22. Foto de 9 de janeiro de 2023. Era o começo da desmontagem dos acampamentos em todo o País, ordenada um dia depois da invasão da sede dos Três Poderes em Brasília.

Figura 7 - Manifestação em Campo Grande pedindo que Forças Armadas tomem o poder²³

Fonte - Gabriella Couto. Disponível em: <https://primeiranoticia-faalc.ufms.br/politica/manifestacao-em-frente-ao-cmo-chega-a-marca-de-17-dias/1889/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

23. Foto de novembro de 2022, durante manifestações pedindo Intervenção Militar e pró-Bolsonaro.



O fato de ocorrerem manifestações como essa, em Campo Grande, e a demonstrada na “Figura 3”, em São Paulo, apontam para a nacionalização do movimento. Há um comprometimento dos participantes com uma causa que lhes é cara não somente em pontos isolados da nação, mais em grande parte do País. Aliadas às demais figuras, sobretudo a faixa (“Figuras 1 e 2”), demonstram que há uma coesão entre todos esses dizeres. Coesão essa avalizada por um *hiperenunciador*.

Nesse caso, o *hiperenunciador* não é um ser de carne e osso, mas uma entidade “cuja identidade varia em função das causas defendidas: ‘A justiça social’, ‘a liberdade’, ‘o povo’, a pátria, ‘a fraternidade’” (Maingueneau, 2022, p. 130). Esses suportes e esses sustentadores defendiam um ponto de vista calcado num *hiperenunciador* que poderia ser indicado como a Pátria. Porém, uma noção de pátria bem peculiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da observação de uma faixa com mote político/nacionalista (“Nossa bandeira sempre será verde e amarela”) afixada em um muro residencial de Campo Grande e a interpretamos por meio da Análise do Discurso, sobretudo a inspirada nos conceitos de *semântica global* e de *enunciados aderentes* de Maingueneau (2012; 2021; 2022).

Indicamos que a referida faixa, ao ser aderida ao muro da casa modificou o significado deste ambiente: ela deixou de ser uma residência e passou a ser um ponto de resistência política da direita (que perdeu as eleições em 2022). E nesse ponto que propomos que a faixa pode ser entendida como um enunciado aderente. Ao submetermos a faixa às análises das categorias da semântica global, exercitamos a possibilidade de enunciados aderentes poderem ser interpretados por esse procedimento. Como a *coesão* e os *temas* são duas das categorias da semântica global, tivemos de elencar um rol maior de enunciados da direita para compará-los ao slogan

escrito na faixa. Nesse sentido, temos um mosaico que configura a contextualização imediata da enunciação e ampla da história (sobretudo o período de embate eleitoral).

A “Figura 8”, a seguir, é um resumo em forma de mosaico representando: a) a *intertextualidade*, porque existem citações diretas ou indiretas entre as manifestações (por exemplo, “nossas bandeira”); b) o *vocabulário*, como, por exemplo, “nossa”, “bandeira”, “salve”, “vermelha”, por exemplo; c) os *temas*, como Pátria (Brasil), anticomunismo; d) o *estatuto do enunciador e do enunciatário* e, por conseguinte, a *dêixis enunciativa* e o *modo de enunciação*, com relação às marcas que apontam para um local no espaço e no tempo determinados, como “nossa” – um *eu* ampliado – e “jamais” – um tempo inatingível, um alhures (Fiorin, 2016); e) o *modo de coesão*, em que o mote da faixa ressoa nos demais enunciados aderentes.

Figura 8 - Mosaico com as manifestações

Fonte - Montagem própria



Pudemos entender que a manifestação individual pressupõe hiperenunciadores (“A Nação”, “O Brasil”, “A Pátria”...) que visa a defender um posicionamento ideológico e político (nesse caso, uma visão deturpada de patriotismo) na luta por posição de liderança em certo espaço de poder. Quando demonstramos que a faixa concordava com outras manifestações pudemos observar que os efeitos de sentido (re)construídos pelo discurso se fundamentam tanto pela história que lhes dá razão de existência quanto pela sua manifestação material imediata.

Passaram as eleições, entretanto, talvez seja preciso lembrar aos que ainda não se conformaram com a vitória democrática... Nossa bandeira continua verde e amarela.



24. Vista aérea da comemoração dos eleitores ditos de esquerda na Praça dos Três Poderes, em Brasília, em 1/1/2023, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebia a faixa presidencial. O ato de transferência da faixa é tradicionalmente feito pelo antecessor, porém, Bolsonaro havia viajado ao exterior, dias antes. Sendo assim, a equipe de cerimonial convidou “um grupo oito de pessoas representativas da sociedade brasileira” (Vilela; Agência Brasil, 2023) para oficialização da passagem.

Figura 9 - Bandeira do Brasil (“Nossa bandeira”) ainda verde e amarela como um enunciado aderente em meio aos sustentadores cujo ponto de vista era favorável ao resultado das eleições ²⁴

Fonte -Reprodução TV Brasil. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/01/interna_politica,1439653/apoiadores-de-lula-abrem-bandeira-do-brasil-durante-a-posse-do-presidente.shtml. Acesso em: 12 ago. 2023.

REFERÊNCIAS

Benveniste, É. (2023). Problemas de Linguística Geral. In: Benveniste, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vanderson Sant’Ana Castro, João Wanderlei Geraldi e Ingedore G. Villaça Koch. Campinas: Pontes.

Barros, D. L. P.; Demuru, P.; Gomes, R. S.; Mancini, R. C. (2025). *A construção da verdade*. 1. ed. São Paulo: Contexto.

Brito, C. L.; Lara, G. M. P. (2023). Elementos de messianismo em pronunciamentos de Jair Bolsonaro. *Delta*, v. 39, p. 1-17.

Guerra, R.; Estadão (2022). *Bolsonaro volta a usar expressão racista e diz que negro é pesado em ‘arrobas’*. Presidente ainda ironizou fato de já ter sido processado por usar o mesmo termo em outra ocasião. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-usar-expressao-racista-e-diz-que-negro-e-pesado-em-arrobas/>. Acesso em: 23 out. 2024.

Maingueneau, D. (2006). *Cenas da enunciação*. (1st ed.). São Paulo: Parábola.

Maingueneau, D. (2012). *Gênese dos discursos*. (2st ed.). São Paulo: Parábola.

Maingueneau, D. (2021). Os enunciados aderentes. *Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, SciELO -Scientific Electronic Library Online*, 36.

Maingueneau, D. (2022). *Enunciados aderentes*. (1st ed.). São Paulo: Parábola.

Fiorin, J. L. (2016). As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo (3rd ed.). São Paulo: Contexto.

Fiorin, J. L. (2019). Operações enunciativas do discurso da extrema-direita. *Discurso & Sociedad*, v. 13(3), p. 371-382.

Pêcheux, M. (2008). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. (5. ed.). Campinas, SP: Pontes.

Souza, N. V.; Orlandi, E. L. P. (2023). “É só uma gripezinha”: a emergência dos discursos da necropolítica em tempos da pandemia. *Traços de Linguagem - Revista de estudos linguísticos*, v. 7, p. 84-95. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/11538>. Acesso em: 17 jul. 2025.

Veja (2017). *Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica*. Duas representações são encaminhadas à Procuradoria-Geral da República em razão de crítica a negro quilombola; ‘nem para procriar ele serve mais’. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica>. Acesso em: 23 out. 2024.

